



O Sapo Sai dos Pântanos em Busca da Princesa: Shrek, uma Narrativa Pós-Moderna¹

Édipo de Queiroz SANTIAGO²

Antonio José Mendonça Bastos JUNIOR³

Carolina Rabelo da SILVA⁴

Pedro DIAS⁵

Rosalv Seixas BRITO⁶

Universidade Federal do Pará, PA

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o filme *Shrek 1*, como uma narrativa pós-moderna. O filme é um conto de fadas às avessas, ou seja, que foge à estrutura convencional dos contos de fadas, e nesse ponto consiste a sua identificação com os discursos pós-modernos. Nesse trabalho evidenciamos diversos elementos pós-modernos contidos na narrativa, seja na inversão estética do gênero, no hibridismo com diversas contos infantis tradicionais ou na inovação da trilha sonora.

Palavras-chave

Shrek 1; pós-modernidade; conto de fadas; hibridismo.

Introdução

O filme *Shrek* é baseado em um livro de William Steig (1990). A versão original conta com as vozes de Eddie Murphy (burro), John Lithgow (Lord Farquaad), Mike Myers (Shrek) e Cameron Diaz (Princesa Fiona). O filme *Shrek*, conta a história de um ogro que vivia feliz e sozinho num pântano, em meio à floresta, em uma terra chamada Duloc. Repentinamente, ele vê sua solidão ameaçada quando o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Aluno líder do grupo e estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do ILC-UFPA, email: eqs@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do ILC-UFPA, email: antoniojmbj@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do ILC-UFPA, email: carolina_rabelos@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do ILC-UFPA, email: phfdias@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professora Doutoranda do Curso de Comunicação Social - UFPA, email: rosaly@ufpa.br



governante de Duloc, Lord Farquaad, decide expulsar todas as criaturas mágicas para a floresta. Shrek fica muito irritado e oferece um acordo com Lord Farquaad: ele iria buscar a mulher dos sonhos de Lord Farquaad, a princesa Fiona, que vivia adormecida, aprisionada num castelo guardada por um dragão, e Farquaad tiraria todas as criaturas mágicas da floresta, devolvendo o sossego de seu pântano.

Shrek parte em sua missão, acompanhado por um burro falante, que se une a ele por gratidão, pois Shrek teria salvo a sua vida. Os dois conseguem libertar a princesa mas, no caminho de volta a Duloc, quando os dois começam a se conhecer melhor, acabam por se apaixonarem um pelo outro, e Shrek tenta impedi-la de se casar com Lord Farquaad. No final da disputa entre os dois, Shrek vence, se casa com a princesa.

De ogro a sapo

Revolucionário e diferente de todos os contos de fadas, Shrek deixa isso claro desde o primeiro instante de filme, quando o adorável ogro, que em atitude de total desacordo com esse tipo de literatura, aparece rasgando um livro de contos, segue num ritual de “beleza” nada convencional, no qual, o natural é se sujar.

Em postura contraventora às regras de todas as histórias infantis, o protagonista da fábula é um ogro, personagem monstruoso do imaginário medieval, e que na certa tinha a função de manter as criancinhas da época distante dos pântanos. O monstro verde, guarda muito mais semelhanças com um velho conhecido das historinhas: o sapo. Geralmente aprisionado por algum feitiço. O príncipe, na figura da perfeição encarnada, aparece na desconfortável posição de anfíbio, condenado a viver no insalubre pântano, até que seja beijado por uma princesa, quando tornar-se livre para um final feliz.

Shrek, sem maiores reclamações, mora no pântano, e toda ação da trama tem início justamente com a busca do direito ao isolamento dessa criatura, que faz questão do sossego da reclusão. A motivação de “Shrek” não tem como fundamento “salvar uma princesa em apuros”, comum às românticas histórias de fadas, e sim ter de volta seu território, agora ocupado por outras criaturas encantadas.

Nessa atitude observamos traços característicos de um sujeito pós-moderno, como assinalado por Jair Ferreira dos Santos, em *O que é pós-moderno*. “Ele é frio, prefere movimentos com fins práticos, nos quais a participação é flutuante e personalizada. Nada de lutas prolongadas ou patrulhamento ideológico” (SANTOS,



1986, p.92). Logo, até o “sapo” e sua princesa só se encontram, e acabam vivendo “feios para sempre”, como prefere o autor da obra, por razões nada parecidas com a dos *fairy tales*.

Nesse conto às avessas, no qual o protagonista é esverdeado e sem modos, é a princesa a enclausurada da vez, por uma maldição só quebrada com o transmutador beijo de outrora, a maldição, que a seu turno também, faz o caminho inverso, pondo cativa, no corpo gracioso de princesa, uma ogra. O nome da personagem, *Fiona*, significaria *Deus gracioso*, representando assim mais um belo contraste para a nossa historinha.

Outro elemento que caracteriza a obra *Shrek* como uma narrativa pós-moderna, é o humor, utilizado de forma peculiar. Recheado de piadas, na sua maioria melhor interpretadas pelos adultos. O filme aposta em ironias e trocadilhos que provocam o riso fácil, como na passagem em que Shrek conversa com o burro sobre a grandiosidade do castelo de *Farquaad*, adicionando maliciosamente que talvez tal suntuosidade seja pra compensar algo. Embora a frase usada pelo personagem tenha margem para uma interpretação de cunho sexual, acreditamos, no dado contexto, se tratar de uma referência à baixa estatura do governante.[É] Um humor que “*descontrai e desdramatiza a vida social*” (SANTOS, 1989, p.99), que pretende seduzir seu público, como acredita Jair Ferreira dos Santos:

Atualmente, o lance é rir sem tensão, descrispar-se, desencucar-se. Slogans e manchetes recorrem ao trocadilho, à malícia(...).Esse humor não é agressivo nem crítico. Busca um bem-estar cool (frio). "Não-esquenta", "fica frio" dão o tom pós-moderno. (SANTOS, 1989, p.99).

E nas obras infantis, os padrões estéticos são relidos

A pós-modernidade destaca que novas formas de tecnologia e informação tornam-se fundamentais na passagem de uma ordem social produtiva para uma reprodutiva, na qual as simulações e modelos cada vez mais constituem o mundo, de modo a apagar a distinção entre realidade e aparência (BAUDRILLARD, 1983).

Uma característica marcante dessa ordem pós-moderna é o diverso, o diferente. No filme “*Shrek*”, o personagem título do filme, é um ogro que não nega sua condição, mesmo sendo desprezado por muitas pessoas que acreditam que ele seja mal.

Shrek é inverso, contradiz a ordem dos clássicos contos de fada, no que concerne a suas atitudes no decorrer do filme. O filme é um verdadeiro contraponto às clássicas histórias de contos de fada. Ele deveria ser bonito, educado, humano, ir ao encontro da amada, porém nada disso procede, pois ele é feio, mal-educado, ogro, e vai em busca de *Fiona*, apenas por um acordo firmado com *Lord Farquaad*, para que as criaturas saiam do seu pântano. *Fiona* deveria ser indefesa, porém é especialista em artes marciais, deveria apaixonar-se pelo príncipe, não pelo ogro.

Muitos escritores modernos se utilizam do que Cashdam (2000) caracteriza como uma jornada de quatro etapas para o autodescoberta do herói/protagonista:

1. Travessia: "leva o herói ou heroína a uma terra diferente, marcada por acontecimentos mágicos e criaturas estranhas".
2. Encontro: "com uma presença diabólica –uma madrasta malévola, um ogro assassino, um mago ameaçador ou outra figura com características de feiticeiro".
3. Conquista: "o herói ou heroína mergulha numa luta de vida ou morte com a bruxa, que leva inevitavelmente à morte desta última".
4. Celebração: "um casamento de gala ou uma reunião de família, em que a vitória sobre a bruxa é enaltecida e todos vivem felizes para sempre".

Essa é a estrutura narrativa dos contos de fada, em sua maioria. O que não condiz com o filme *Sherk*, que segue uma linha diferente, com alguns pontos similares, só para não descaracterizar completamente a classificação de conto de fadas. É importante enfatizar, sobretudo que a narrativa é bastante irregular, não segue a estrutura típica. Pois se caracteriza por centros dispersos, uma vez que uma série de protagonistas de outras histórias dividem o foco da história, portanto gerando uma nova história a partir do hibridismo de diferentes contos de fada tradicionais. Além disso, o protagonista representa um herói às avessas que é preguiçoso, medroso e sujo. e a partir de sua heterogeneidade. Por esses motivos a narrativa é um típico conto pós-moderno.

É possível argumentar que o pós-moderno - especialmente a teoria pós-moderna – põe em evidência as questões estéticas e que há nítidas continuidades entre, de um lado, Wilde, Moore e o grupo Bloomsbury, de outro, os escritores de Rorty, cujos critérios para a vida boa giram em torno do desejo de alargar o eu, à procura de novos gostos e sensações, a exploração de um número cada vez maior de possibilidades (Shusterman, 1988) apud (FEATHERSTONE, 1995).



Cara de um, focinho de outro

Segundo Canclini, o hibridismo são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 1997, p.19). Na análise do filme *Shrek* observamos a recorrente hibridização dos contos de fada. Inclusive, o fio condutor da narrativa, que faz Shrek perder a pacata solidão de seu pântano, que é a chegada dos personagens dos contos de fadas ordenada pelo *Lord Farquaad*.

O filme é repleto de momentos híbridos, elementos essenciais para a compreensão da narrativa. A animação é um conto de fadas em que percebemos que várias estruturas narrativas tradicionais são mantidas. Existe uma princesa a ser salva, um *príncipe* que a aguarda (Lord Farquaad), um feitiço a ser quebrado. Estabelecendo uma analogia com o conto em que a princesa beija o sapo e ele se transforma em príncipe, podemos identificar que *Shrek* se apropria dessa narrativa, porém a apropriação não é uma mera reprodução. A animação produz uma inversão representando um príncipe sapo, porém quem está sob o feitiço é a princesa, aprisionada na superficialidade da aparência.

No filme encontramos vários personagens tradicionais dos contos de fadas: os três porquinhos, o Lobo mau, Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, Peter Pan, entre outros. Porém, o filme não é uma mera reprodução das obras anteriores. Esses elementos se combinam e produzem uma nova obra, em que a beleza passa a ser o feitiço e a feiúra emerge como libertação; a convenção sucumbe à atração pelo bizarro e o alternativo toma o espaço do convencional.

É interessante notar a ansiedade da princesa pelo *beijo do amor*, pois ela acredita que ele acabará com o feitiço que a faz ser de dia, princesa e de noite, ogra. Mas o filme busca mostrar exatamente o contrário, quem está sob a prisão do feitiço são as “princesas” que estão enclausuradas em seus sonhos narcisistas. Percebe-se nesse momento uma severa crítica à crença no positivismo de Comte, e às narrativas tradicionais que induzem as meninas a interiorizarem a crença de uma vida alimentada pelo sonho da chegada do tão sonhado príncipe montado em um cavalo branco. Isto é, a crença em uma vida alimentada pela fantasia da perfeição.

A crítica ao projeto moderno pode ser percebida no *Lord Farquaad*, personagem que revela diversas semelhanças com o ditador Hitler por ser megalomaníaco, pela sua baixa estatura e por acreditar em um mundo perfeito e para isso busca exilar os “diferentes”.



O filme, então, expressa um desencantamento trazido pela pós-modernidade, quando todos se dão conta da incapacidade da ciência de evitar a morte, a economia de exterminar a pobreza e as narrativas de explicarem holisticamente a realidade.

Uma Trilha fora dos Trilhos

Uma característica marcante do momento dito pós-moderno é o hibridismo de ideias, a junção de estilos, tendências e modelos, para a construção de uma nova proposta, que desperte a atração de quem se depara com essa nova ordem, consequência de diferentes combinações do indivíduo. No filme *Shrek*, observamos que sua trilha sonora é uma proposta inovadora, que se utiliza de ritmos musicais nada comuns aos tradicionais filmes de contos de fadas.

“Entendamos ainda que o pós-modernismo é um ecletismo, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto” (SANTOS, 1989, p.17). O pós-moderno é bem tendencioso quanto à descentralização das coisas de transformar algo diferente em constante mudança. É algo que fica perceptível nas músicas que compõem a trilha sonora do filme *Shrek*, pois elas são contemporâneas, individuais pelo filme, e universais por seus assuntos.

A história comum de um cavaleiro em busca da princesa é uma narrativa tradicional das histórias dos contos de fada. Geralmente essas histórias são embaladas por músicas instrumentais, calmas, serenas, que transmitam todo o encantamento do conto. Já em *Shrek*, a trilha sonora traz músicas com ritmos rápidos, como da música All Star, da banda Smash Mouth (música tocada na primeira aparição de Shrek) que sintetiza muito bem essa mistura, e várias outras em sua maioria no estilo Pop Rock. Essas músicas fogem da habitual maneira de se sonorizar os contos de fada, e fazem um contraponto às tradicionais músicas usadas nesse tipo de filme.

As letras que traduzem bem, na maioria das vezes, as cenas do filme como a frase título da música My Beloved Monster (minha amada monstra) da banda Eels, tocada quando *Shrek* e *Fiona* andam e se divertem juntos no pântano, são letras não só explicativas do filme, como trazem assuntos de caráter universal, como amor, separação, dor e diversão, mas sobretudo se particularizam no universo do filme, pois apesar dos temas universais, enveredam pela característica individualista pós-moderna que se faz na construção sonora em função da proposta audaciosa de se mostrar os



contos de fada em uma comédia que narra a história de um ogro. É o individual entrando em contraste como o universal.

Com uma trilha sonora de músicas explicativas e contagiantes, de artistas conhecidos, pelo menos pelo público jovem, como Jason Wade, Smash Mouth, John Cale, The Proclaimers, entre outros, o filme de animação do ogro verde *Shrek* propõe uma nova forma de estética sonora aos filmes com temas clássicos, refletindo a tendência pós-moderna de misturar idéias em busca de fórmulas novas e provocadoras.

Identidades fluidas

A questão identitária é algo bastante discutido por vários teóricos, derivada do latim *idem*, que significa “o mesmo”. Bauman a define pela fluidez, ou seja, o que antes lhe dava sustentação (nação, gênero, família etc.), hoje tem um caráter líquido. No filme *Shrek*, a princesa *Fiona* oscila entre a beleza estonteante de princesa e a incrível feiúra de ogra. *Fiona* se depara com uma dúvida identitária cruel, ou se torna uma princesa linda e elegante, se casando com *Lord Farquaad*, ou assume-se ogra e feia ficando com *Shrek*.

Percebemos em *Fiona* uma questão muito familiar a todos nós que vivemos neste cenário pós-moderno: a incrível rapidez com que a nossa identidade flui. Assim como a personagem do filme que tem a identidade oscilante entre ogra e princesa, o indivíduo pós-moderno busca sua identidade, que cada vez mais se torna líquida, instantânea. Bauman acredita que:

A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encontrar, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais parecidas com crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se. (BAUMAN, 2001, p. 97).

A descrença do personagem *Shrek* na linearidade dos contos de fada, é outro ponto a se falar. Logo no começo do filme (mais precisamente na primeira cena) *Shrek* aparece lendo um livro de conto de fadas e em seguida rasga uma das folhas dizendo: “até parece que isso é verdade”, denotando o desencantamento do mundo. Conceito



esse usado por Max Weber para mostrar a descrença na religião, em Deus como centro de tudo. Mas que se aplica bem para representar o ceticismo do personagem Shrek. Implicando na não-linearidade dos contos de fada, sempre com o cavaleiro salvando a princesa e dando nela um beijo apaixonado, depois se casam e permanecem vivendo felizes para sempre. Shrek nega essa tradição narrativa dos contos de fada, indo de encontro à sistematização, à padronização sempre observada. Característica contemporânea de não-apego as convenções.

A pós-modernidade entrou nessa: ela é a valsa do adeus ou o declínio das grandes filosofias explicativas, dos grandes textos esperançosos como o cristianismo, o iluminismo, o marxismo. Hoje, os discursos globais e totalizantes quase não atraem ninguém. Dá-se um adeus às ilusões (SANTOS, 1989, p.71-72).

Aspectos do nível narrativo ⁷ aplicadas no filme Shrek

Ao analisar a estrutura narrativa de *Shrek* podemos identificar que a estrutura narrativa desse se opõe ao tradicional conto de fadas em que o sapo se transforma em príncipe ao ser beijado pela princesa. Segundo Fiorin (2005, p.29) “uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção”. No filme *Shrek* a *manipulação* é produzida pelo *Lord Farquard* que se utiliza da tentação como mecanismo de manipulação oferecendo a retirada dos personagens do pântano de Shrek, caso ele consiga resgatar a princesa do castelo do dragão. A fase de *competência* é compreendida no momento em que Shrek salva a princesa e acredita ter alcançado o seu único objetivo quando foi salvá-la: de devolver a paz para o seu lar. A *performance* retorna à estrutura dos contos fadas, quando o herói salva a princesa da torre do dragão, de uma maneira peculiar por não ter matado o monstro e não haver a percepção do encontro perfeito. A sanção corresponde ao momento em que a princesa Fiona transforma-se definitivamente numa ogra beija Shrek e o rei de Duloc é engolido pelo dragão.

⁷ Classificação baseada na obra *Elementos de Análise do Discurso* de José Luiz Fiorin.



Como pode ser constatado a narrativa inverte vários elementos do conto de fadas tradicionais. No conto tradicional a princesa vai ao encontro do sapo para beijá-lo e libertá-lo do feitiço, transformando-o em príncipe. Em *Sherk*, o sapo é que vai em busca da libertação da princesa, só que nesse caso o feitiço é ter a aparência “bela”, ou melhor, o feitiço de Fiona é o seu narcisismo, demonstrado no seu apego hiperbólico aos roteiros dos contos de fadas, sendo que no final da narrativa ela abandona a condição de princesa.

Considerações Finais

Esse estudo revelou como as discussões, denominadas pós-modernas, tão recorrentes em círculos intelectuais e acadêmicos está contida e é ofertada de maneira lúdica e natural em obras infantis. Assim percebemos no filme uma nova proposta de narrativa para os contos de fadas, familiarizando e naturalizando as realidades e discursos típicos da pós-modernidade. É importante assinalar como a questão estética e discussões de papéis sociais no tocante a gênero são comunicadas com eficiência para um público, a priori, infantil.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIORIN, J. L. . **Elementos de análise do discurso**. 13ªed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 2005. v. 1. 94 p.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1989.